

ECONOMIA & TRABALHO

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira,
1 de outubro de 1996

13

EDITOR: Nelson Torreão, SUBEDITOR: Rozane Oliveira, TELEFONE: (061) 321-2123 / ramal 163 e 129 FAX: (061) 321-3864, E-mail: economia@cbdata.com.br

162 Economia Brasil

TUDO BEM NO ANO QUE VEM

Economistas da CNI prevêem recuperação da economia em 97. A atividade industrial no país poderá crescer entre 4% e 5%

Rio — O ano de 1997 deverá compensar os brasileiros das grandes dificuldades vividas nos últimos anos. Segundo o *Informe Conjuntural* de setembro, do Departamento Econômico (Decon) da Confederação Nacional da Indústria (CNI), tudo indica que no ano que vem a inflação anual será inferior a 10% e a economia crescerá de 4% a 5%, de forma sustentada, em relação a 1995.

O desemprego deverá diminuir também. A taxa de juros real básica no país cairá dos 14% ao ano para 7% e até o cenário das contas do governo será melhor, tanto que o déficit público operacional, que em 1995 ficará acima de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB), tem possibilidades de baixar para 2,5% do PIB.

No caso das taxas de juros — que influenciam a disposição de investir, por parte das empresas, e de consu-

mir, por parte das pessoas —, os 7% projetados pelos economistas da CNI são, de acordo com eles, o que é factível para a economia brasileira nesta fase.

Isso porque ela não afugentaria o capital externo. Se a taxa fosse muito mais baixa, os investidores estrangeiros de curto prazo não trariam seus recursos para o Brasil, dificultando a administração do balanço de pagamentos.

RECUPERAÇÃO

Segundo as estimativas dos economistas da CNI, a atividade industrial brasileira no ano que vem poderá crescer entre 4% e 5% — tal como o próprio PIB —, resultado bem me-

lhor que o previsto para 1996, de 1,5%. Essas projeções, dizem eles, pressupõem a continuidade da recuperação econômica que vem sendo registrada.

Conforme o *Informe Conjuntural*, as exportações e os investimentos em alta deverão se constituir na fonte da expansão de 1997. Os economistas da CNI dizem que a competitividade do país melhorou, graças às medidas de redução do Custo Brasil (excesso de encargos que encarecem a produção), como a recente retirada da cobrança de Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) das exportações e dos recursos para investimento. Assim, há margem para “um moderado otimismo”

quanto às vendas externas, segundo os economistas.

A variável crucial para o crescimento econômico, porém, é o nível de investimentos, que deverá se elevar, na expectativa dos economistas. A redução das taxas de juros, a menor carga tributária sobre os investimentos e o aprofundamento do processo de privatização na área de infra-estrutura deverão favorecer os investimentos e, conseqüentemente, um processo de expansão sustentada da economia, que inclui a reativação do mercado de trabalho e o crescimento da massa de salários.

Ainda de acordo com os economistas, a redução esperada do déficit público baseia-se em vários fato-

res — desde que o governo se comprometa mesmo com a austeridade fiscal.

Em primeiro lugar, a economia vai crescer, melhorando a arrecadação, sem contar que as receitas federais aumentarão em decorrência da entrada em vigor da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), da elevação da arrecadação do Imposto de Renda para a Pessoa Jurídica (IRPJ) e da mudança na base de cálculo da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido.

As privatizações também neste caso vão ajudar, graças ao abatimento de dívida pública. E com a esperada queda das taxas de juros, as despesas do governo nesta área vão diminuir.